

# À luz da grandeza: Um testemunho privilegiado

WALTER FERREIRA DE OLIVEIRA

---

## Resumo

Neste ensaio procuro dar um testemunho sobre meu contato com Paulo Freire e Nita Freire desde nosso primeiro encontro, quando eu cursava o doutorado na Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos. Reputo a convivência com este extraordinário mestre e sua esposa como um dos fatos mais importantes na minha caminhada pessoal e profissional. Compartilhei com Paulo e Nita momentos maravilhosos em que sempre aprendi não só sobre educação, política, artes, costumes e outros temas correlatos, mas também e principalmente sobre o amor, a ternura, o carinho, que os Freire sempre devotaram à humanidade e particularmente aos que com eles tiveram a chance de conviver.

## Abstract

In this essay I try to give testimony regarding my contacts with Paulo and Nita Freire beginning when we first met when I was a doctoral student at the University of Minnesota in the United States. Becoming a friend of this extraordinary man and of his lovely wife was undoubtedly a high point on my personal and professional path. Sharing wonderful moments with Paulo and Nita provided me with opportunities to learn more, not only about pedagogy, liberation, arts, conduct, and other topics we used to discuss, but also about love, tenderness, and caring, feelings which the Freires bestowed to humanity in general and particularly to those who were counted among their friends.

## TESTEMUNHANDO A GRANDEZA

Lembro-me muito bem da ocasião em que tive a honra e o prazer de conhecer o mestre da *Pedagogia da Autonomia*, da *Pedagogia do Oprimido*, da *Pedagogia da Esperança*, o grande amigo Paulo Freire e sua esposa Nita. Era um dia de outo-

no em Minnesota, o frio ainda não havia chegado àquele estado do meio-oeste americano que conhece um dos mais rigorosos invernos do planeta, ainda havia dias de um sol cálido que anunciava a saudade que tínhamos dos dias de verão.

Eu havia me preparado para este dia. Iria ver ao vivo a conferência do educador que conquistara a glória, que assombrara o mundo com sua inventividade, sua coragem, sua perspicácia, de seu método de ensinar. Iria beber de perto do criador do conhecimento que já conhecia dos livros, dos comentários, das inúmeras teses e artigos que falavam sobre seu trabalho. Era um dia que certamente iria ser vivenciado, curtido, lembrado e perpetuado em minha existência profissional.

Quando conheci pessoalmente Paulo Freire, neste dia de uma brisa leve e um céu claro em um país que àquela altura da minha vida já não me parecia tão estrangeiro, eu já havia sido definitivamente influenciado por sua obra monumental. *A Pedagogia do Oprimido* é uma daquelas peças que pontificam tanto a ciência quanto a arte, que carregam um significado prático, político, epistêmico, científico de uma absoluta profundidade. Eu havia lido esta obra do pensamento humano na década de 70, em exemplar contrabandeado do Chile, pois que não se a encontrava facilmente no Brasil graças à estupidez que então grassava no país. Li com admiração, com atenção, com alegria, com calor, com alma, invadido por cada palavra, por cada parágrafo, sentindo o alvorecer da transformação que me auxiliaria a assumir cada vez mais uma atitude crítica, dialógica e democrática em minha vida profissional.

*A Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1970a) marcou um momento decisivo em minha carreira de médico e posteriormente em minha trajetória acadêmica. Várias passagens passaram a fazer parte do repertório de discussões que incansavelmente promovo com as turmas de graduação e pós graduação em que ministro aulas. Sem falar no antológico capítulo onde Paulo lança sua teoria da educação bancária, gosto de lembrar temas como o da necrofilia dos que promovem a opressão, por ser um tema que se aproxima bastante de um tópico que muito exploro em minhas disciplinas, o da condição humana na pós modernidade. A ideia da necrofilia demonstra a agudíssima percepção de Paulo em sua inspirada maneira de transmitir conhecimento.

*A Pedagogia do Oprimido* teve também uma influência na maneira como me relacionava com meus pacientes, durante minha trajetória na psiquiatria clínica. A horizontalidade das relações enfatizada por Freire servem não só para o vínculo entre professor e estudante, educador e educando, mas adapta-se perfeitamente à análise da relação médico-paciente. Ensino que transmito, hoje, aos estudantes que trabalham na rede de atenção e cuidado em saúde, ao analisar suas relações com as pessoas que atendem. A Educação para a saúde, na perspectiva do SUS, tem tudo a ver com os ensinamentos de Freire, não só na *Pedagogia do Oprimido*, mas em sua obra como um todo.

O tema da humanização, também enfatizado na *Pedagogia do Oprimido*, me é particularmente caro. Minha carreira dirigiu-se eventualmente ao campo da arte. Compartilhei com Augusto Boal, através do *Teatro do Oprimido*, muitas ideias e as tenho aplicado trabalhando com dramatizações, autoconhecimento e com diversas formas terapêuticas, entre elas a Terapia da narrativa e a Terapia da alegria, mas o eixo diretivo deste trabalho tem sido sempre o da Humanização. E tenho sempre em mente a frase de Paulo, que aliás tornou-se a frase de abertura da primeira edição americana da *Pedagogia do Oprimido* (*Pedagogy of the Oppressed* [Freire, 1970b]), que diz que de um ponto de vista axiomático a humanização continua a ser o problema central do ser humano. Esta e outras afirmações da obra de Paulo tiveram sobre o jovem estudante de medicina que eu era na década de 70 um efeito indelével, uma marca que tornou-se parte do meu ser.

No dia em que veria pela primeira vez Paulo Freire ao vivo, naquela cidade que o recebia com tranquilidade, ia dirigindo meu carro de estudante de pós graduação, um ainda excelente Oldsmobile Delta 88, pensando nestas leituras, nas que vieram depois, nos livros escritos sobre a Guiné-Bissau, nos artigos escritos em parceria durante sua estada em Harvard, nas discussões que tínhamos então na Universidade de Minnesota sobre a filosofia da educação antes e depois de Freire, sobre a profunda impressão que este brasileiro causava em todosos que tomavam conhecimento da grandeza de seu poder intelectual. E enquanto estacionava meu carro no pátio do St. Catherine College, em Saint Paul, Minnesota, sentia meu coração bater mais forte. Ia ver de perto a pessoa que hoje já fazia parte da minha própria essência, já tinha um lugar em algum lugar do meu eu onde se processavam meus pensamentos, minhas idéias, minha criatividade.

Desde que comecei a trabalhar nos hospitais psiquiátricos do Rio de Janeiro já via o alcance transdisciplinar da obra de Freire. Reconhecia-o nos escritos dos grandes escritores da psiquiatria, de Erich Fromm a Ronald Laing. Soube, depois, do interesse que Fromm demonstrava pela obra de Freire, mas na época apenas reconhecia que estes grandes homens seguiam o mesmo curso, a mesma corrente de pensamento, que levava ao estilo dialógico, à radicalidade convicta, à busca incansável da transformação pessoal, social e cultural. À medida que eu amadurecia cada vez mais me aproximava destes e outros autores da mesma linha e cada vez mais de Freire. Sua abordagem de leitura do mundo, sua provocação para o aprender a questionar (Freire & Faundez, 1989), sua constante lembrança de nossa incompletude revelavam uma sagacidade, uma sabedoria que só poderia ser encontrada nos verdadeiramente sábios. Paulo não foi para mim um mestre para a educação, mas para a compreensão do ser humano. Foi um dos meus maiores mestres de psiquiatria e psicologia social.

Quando entrei no salão preparado para receber o grande mestre senti a forte energia que ali pairava, certamente concentrando os pensamentos muito parecidos com os meus de toda uma multidão que já bem cedo buscava garantir um

bom lugar na platéia. O ambiente era realmente eletrizante, sentia-se que algo grandioso estava para acontecer. É aquele tipo de energia que ocorre antes do início de um grande show, de uma grande performance, de uma grande apresentação. Entreouvía aqui e ali conversas quebradas, revelando que havia gente de toda parte, gente que veio de Chicago, viajou dez horas de carro, gente que veio de avião, de trem, para tirar partido daquela oportunidade maravilhosa de chegar perto da grandeza. Cumprimentei alguns conhecidos, vi alguns professores de meu programa de doutorado, colegas, gente da comunidade, mas concentrei-me em pegar um bom lugar. Tentei ser polido, atendendo aos que me cumprimentavam. Eu era à época diretor do Brazilian American Institute, uma organização que havia fundado para promover intercâmbio e que tinha surgido do sucesso de outra organização de que havia anteriormente participado, o Brazilian American Student Center da Universidade de Minnesota. Conhecia, por isso, bastante gente nas cidades gêmeas (Minneapolis-Saint Paul). E muita gente que conhecia estava ali, à beira do êxtase, como eu.

Mas eu queria o mais rapidamente possível garantir o meu lugar e assim o fiz. Agora era só esperar. E enquanto esperava fiz ainda alguns apontamentos para minha tese de doutorado que então se desenhava (Oliveira, 1994). Tese que tinha, evidentemente, uma grande influência do trabalho de Paulo Freire, já que estudava então a Educação Social de Rua, ou seja, o processo que os então famosos educadores sociais de rua do Brasil haviam transformado em um dos mais competentes meios para trabalhar com populações excluídas e que aplicavam nas ruas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e outras cidades do país, e que havia conquistado já toda a América Latina. Processo que se inspirava e se referia à pedagogia de Freinet, de Makarenko e, claro, de Paulo Freire, e que transformou-se em um livro publicado nos EUA, onde o tema dos *homeless* despertou enorme interesse (Oliveira, 2000). Inspirado pelo clima energético da sala escrevi no bloco de folhas amarelas alguns parágrafos enquanto o burburinho crescia.

Até que o apresentador, um eminente professor daquela universidade tomou o microfone e anunciou a entrada de Paulo. Os corações na plateia pararam enquanto Paulo, com seu jeito simples, contagiantemente humilde, com sua face bem humorada cumprimentava o apresentador e logo a todos nós. E aos poucos começou a passar dos cumprimentos ao tema de sua conferência. E aos poucos todos estavam envolvidos em sua fala. Era uma experiência realmente fantástica. Lembro-me do silêncio absoluto somente quebrado pelas palavras bem tecidas com que Paulo se expressava. Se uma mosca entrasse naquele recinto teríamos ouvido perfeitamente seu zumbido. Paulo falava claro, mas manso, com um inglês correto permeado por seu forte sotaque. Falava pausado, escolhendo cada palavra, que se ajustava de forma perfeita a sua linha de raciocínio. Era hipnótico, não me parecia que eu estava ouvindo, mas que suas idéias, sua comunicação, simplesmente entravam pelos meus poros, passavam a fazer parte dos meus tecidos.

dos. Entendi naquele momento o que significava apreender, em um sentido mais que intelectual, em um sentido para além da mente, como dizem os ensinamentos budistas. Paulo tinha este poder.

Saí da conferência enriquecido em todos os sentidos. Intelectualmente, humanamente, espiritualmente. E vivenciei um daqueles momentos em que nos sentimos parte de um todo, parte de uma comunidade humana, de uma realidade transcendental. Olhava em redor e reconhecia a mim mesmo nos outros, tanto por terem também vivenciado aquela maravilhosa experiência quanto por sentir-me mais humano a partir da vivência próxima de um ícone da humanização. Saí me sentindo iluminado, deslumbrado, mas de uma forma não exuberante, como se uma onda de tranquilidade trouxesse o tom certo entre o deslumbramento e os pés no chão. Estava consciente da importância de ter estado ali, de ter visto o mestre, de tê-lo ouvido, de perceber sua luz, de ter bebido de suas palavras, ao vivo, ali bem pertinho, de onde se podia ouvir nitidamente, graças à magia do silêncio absoluto, até mesmo sua respiração entre uma e outra palavra.

## O ENCONTRO

Meu encontro com Paulo deu-se exatamente devido à posição que eu ocupava na presidência do Brazilian American Institute. Um dos organizadores do evento do St. Catherine College me procurou ao final da conferência e perguntou se eu poderia acompanhar Paulo e Nita, levá-los para ver um pouco da cidade. Disse-me que ambos já estavam viajando pelos EUA há algum tempo e que seria cansativo, para eles, socializar com algum grupo que provavelmente não os deixaria desfrutar de alguma quietude. Claro que aceitei a incumbência imediatamente e só me preocupei em eu mesmo não me comportar como tiete, não deixando espaço para que Paulo e Nita pudessem ter uma tarde e uma noite agradáveis.

À hora marcada encontrei Paulo e Nita e fomos jantar. Ali marcou-se, para mim, o início de uma amizade como poucas. Não conversamos praticamente nada de trabalho, de academia, de educação, mas sobre comidas, vinhos, arte, viagens, assuntos que me mostraram um lado de Paulo e Nita que jamais teria imaginado compartilhar. Ao terminar o jantar lembrei-me que haveria um show musical no St. Paul Student Center, da Universidade de Minnesota e aceitaram minha sugestão com prazer. Ao entrar no salão alguns estudantes que haviam estado na conferência pela manhã correram para nós, uma delas me dizia “não acredito, você nos trouxe nosso deus.” Eu lhes pedi que deixassem que Paulo e Nita simplesmente curtissem a noite como incógnitos e eles respeitaram. Ao final do show Paulo estava feliz, queria ainda tomar um vinho em um parque próximo. Conseguimos comprar, mas as leis de Minnesota não permitem tomar vinho em vias públicas então lembrei-me que meu orientador, Mike Baizerman, vivia ali

bem próximo. Apesar do adiantado da hora achei que Mike ficaria feliz de receber Paulo e Nita Freire em sua casa e não me enganei. Foi uma noite memorável.

Desde então passei a desfrutar da amizade dos Freire. Sempre que podia os visitava em sua casa no bairro das Perdizes, em São Paulo ou os encontrava pelo mundo em conferências, eventos científicos onde estivéssemos por coincidência ou por trabalhos comuns. Em nossos encontros guardamos este estilo, falávamos pouco de trabalho. Conversávamos sobre a vida, sobre política, artes, amor, comida, vinhos, uma variedade de assuntos que me revelou um Paulo Freire sensível, poético, eternamente jovem e sua amada companheira que eu cada vez mais admirava não só pela sua já conhecida cultura e elegância, mas ainda por sua simplicidade, candura e dedicação incondicional àquele que é sem dúvida o amor de sua vida.

As lições acadêmicas de Freire aprendi em seus livros, em várias conferências em que o assisti, a maioria no exterior, e estas foram decisivas para mim como estudante, como médico e como professor. Mas aprendi pessoalmente muito mais de Paulo Freire. Paulo foi para mim acima de tudo uma lição de amor, de ternura, de juventude, de eterna renovação. Partilhando de conversas entre saborosas refeições, aperfeiçoei meu gosto pela música, pelas artes, pela cultura. A paz que transmitia ao falar, a vivacidade na conversa, a perene disposição para amar o próximo estão preservadas, para mim, como grandes lições de vida.

## NITA E PAULO

Como falar de Paulo sem enfatizar sua relação com Nita? Para mim, desde o primeiro dia, não houve Paulo sem Nita. Nita é parte de Paulo, sua representação mais viva, carrega consigo o amor que Paulo lhe devotava incondicionalmente. Graças a Nita, graças a sua hospitalidade, a seu interesse em também compartilhar momentos de conversa, de simplesmente estar juntos, conheci Paulo como pessoa, como amigo, como camarada e não somente como mestre, profissional, professor. Nita concretizava a humanidade de Paulo, trouxe para mim a concretude da vida amorosa que Paulo e ela compartilhavam.

Aprecio Nita como intelectual tanto hoje, conquanto continuo partilhando de sua amizade, como com Paulo enquanto conversávamos, discutíamos os mais variados temas, política, arte, educação. Nita, sempre arguta em seu raciocínio, sempre elegante no falar e no conduzir-se. Nita, sempre cuidadosa com Paulo, transmitindo um respeito profundo que se calca na combinação de admiração, afeto e sensibilidade.

Lembro-me ainda de momentos prazerosos que vivemos juntos, os três, como em uma memorável viagem que fizemos de carro de Omaha, Nebraska a Cedar Falls, Iowa. Paulo me pediu para irmos de carro, embora já tivessem passagens de avião, e arquitetamos um plano maroto para convencer Nita, pois Paulo temia

que ela, por qualquer motivo quisesse evitar a relativamente longa viagem. E como dois adolescentes nos divertimos com nossa própria ilusão de que estávamos de certa forma atraindo-a para uma aventura de meninos, mas que só funcionaria com a aquiescência dela.

Naquela ocasião viajamos pelo dobro do tempo normal, graças à neve que caiu no caminho. Paulo exultava. Um dos motivos pelo qual queria que viessem comigo de carro, me disse, era porque sempre era colocado nos melhores hotéis, nos melhores restaurantes, não tinha tido, até ali, a oportunidade de ver, realmente, os Estados Unidos. Uma viagem pelo interior americano, comendo nos lugares comuns onde o povo americano come, onde toma sua cerveja, onde frequenta, enfim. Saímos cedo e logo o levei a um lugar de breakfast onde comemos panquecas, bacon, ovos e *hashbrowns*. Seguimos caminho e desfrutamos da viagem de carro pela estrada vazia pontuada aqui e ali por casas de pequenos fazendeiros à medida que chegávamos à imensidão das plantações de milho.

O carro que eu dirigia, um Ford Taurus do ano, da Universidade de Northern Iowa, quebrou no meio do nada e era domingo. Tivemos que conduzir o carro quase parando até uma cidadezinha minúscula onde encontramos a casa do único mecânico, que se dispôs a nos atender. O mecânico, um homem branco e grande, de caráter bonachão, sentiu que Paulo era alguém importante, mas não imaginava que estava diante do homem que mudou o mundo e cujas idéias já atingiam a esta altura a escola da pequena cidade em que vivia. Tiramos uma foto, que guardo com carinho, Paulo, Nita, o mecânico e eu. Paulo com um sorriso feliz, compartilhando uma aventura como não vivia há muito tempo, sendo apenas um desconhecido vivendo um momento comum, em companhia de sua amada e de um amigo. E Nita era sem dúvida parte fundamental desta felicidade.

A finalidade desta viagem foi levar Paulo à Universidade de Northern Iowa (UNI), onde faria uma memorável conferência, publicada na *Pedagogia da Solidariedade* (Freire, Oliveira & Freire, 2009). A conferência aconteceu em uma noite fria de inverno, coincidindo com uma nevasca que caiu em todo o meio oeste. Perto de começar a conferência não paravam de tocar os telefones da universidade, gente que vinha de Chicago, Minnesota, Wisconsin e outros lugares de Iowa, pedindo que atrasássemos o início pois estavam tentando vencer a intempérie e chegar a tempo de assistir ao mestre.

Paulo, sempre generoso, não demonstrou nenhuma contrariedade pelo enorme atraso da conferência. Assim era este grande homem, que assombrou Chris Edginton, o diretor da Escola de Saúde, Educação Física e Serviços de Lazer da UNI e um dos responsáveis pela ida de Paulo àquela universidade. Chris sempre lembra, ao conversarmos, de duas cenas memoráveis, uma em que uma pessoa que beijou Paulo emocionadamente após a conferência e outra, Paulo conversando com estudantes que sentavam-se a seus pés durante a Recepção que Chris ofereceu em sua casa para o mestre da pedagogia crítica.

Ao abrir a conferência na UNI Bob Koob, então presidente da daquela universidade, fez uma declaração que revela o profundo respeito que Paulo desperta no mundo acadêmico internacional. Dizia Koob que há muitos anos atrás tinha tido a oportunidade de estar ao lado da grandeza, quando presenciou uma conferência de Martin Luther King. E era assim que se sentia naquele momento, compartilhando a grandeza representada por Paulo Freire.

Bob Koob inspirou-me a criar o título deste ensaio. Como ele, sinto-me privilegiado de ter compartilhado, testemunhado esta grandeza. Como ele, sinto-me honrado e privilegiado. Poder ter conhecido Paulo e Nita Freire foi sem dúvida uma oportunidade que aproveitei e continuarei aproveitado tanto quanto possa - como amigo, como colega, como compatriota, como cidadão. Sinto-me também como um estudante que pôde estar perto de um amado professor, um profissional que pôde trocar ideias com um colega de grande estatura intelectual, um discípulo que pôde estar junto a um grande mestre. Foi acima de tudo uma oportunidade de convivência com a grandeza de um casal que vive um grande amor.

## REFERENCES

- Freire, P. (1970a). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1970b). *Pedagogy of the oppressed*. New York, NY: Continuum.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. & Faundez, A. (1989). *Learning to question: A pedagogy of liberation*. New York, NY: Continuum.
- Freire, P., Oliveira, W.F., & Freire, A.M.A. (2009). *Pedagogia da solidariedade*. Indaiatuba, SP: Villa das Letras.
- Oliveira, W.F. (1994). *We are in the streets because they are in the streets: The emergence and development of street social education in Brazil* (Unpublished doctoral dissertation). University of Minnesota, Minneapolis, MN.
- Oliveira, W.F. (2000). *Working with children in the streets of Brazil*. New York, NY: Haworth Press.